



O COTIDIANO BURGUÊS ANALISADO EM REGISTROS FOTOGRAFICOS E ESCRITOS NOS PRIMEIROS ANOS DO 1900 NO RIO GRANDE/RS

Andrea Maio Ortigara ¹

RESUMO

Neste artigo apresentamos os resultados da pesquisa de doutorado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. Objetivamos analisar o cotidiano da sociedade burguesa no município do Rio Grande, localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, que se transformava sob os signos da modernidade decorrente do processo de industrialização nos primeiros anos do século XX, período conhecido por *Belle Époque*. Por meio de um estudo histórico, refletimos sobre as relações entre tempo e espaço ao analisar as determinantes econômicas, sociais e culturais tendo como principal fonte os registros fotográficos e escritos realizados pelo Sr. Ruffier entre os anos de 1910 e 1930. Este trabalho se justifica ao considerar a análise fotográfica como perspectivas teórica e metodológica que possibilita compreender o espaço em tempos pretéritos. As questões referentes ao cotidiano são fundamentadas no pensamento de Henri Lefebvre, que defende a noção de cotidiano como instrumento de conhecimento e de análise da realidade social, dando visibilidade à dinâmica dos processos de mudança na sociedade.

Palavras-chave: Cotidiano, Fotografia, Geografia Histórica, Modernidade, *Belle Époque*.

RESUMEN

En este artículo presentamos los resultados de la investigación de doctorado realizada en el *Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina*. Nuestro objetivo es analizar la vida cotidiana de la sociedad burguesa en el municipio de Rio Grande, ubicado en el extremo sur de Rio Grande do Sul, que se transformó bajo los signos de la modernidad resultante del proceso de industrialización en los primeros años del siglo XX. un período conocido como *Belle Époque*. A través de un estudio histórico, reflexionamos sobre la relación entre tiempo y espacio analizando los determinantes económicos, sociales y culturales teniendo como fuente principal los registros fotográficos y escritos realizados por el señor Ruffier entre los años 1910 y 1930. Este trabajo se justifica considerando el análisis fotográfico como perspectivas teóricas y metodológicas que permiten comprender el espacio en tiempos pasados. Las preguntas referentes a la vida cotidiana se basan en el pensamiento de Henri Lefebvre, quien defiende la noción de vida cotidiana como instrumento de conocimiento y análisis de la realidad social, dando visibilidad a la dinámica de los procesos de cambio en la sociedad.

Palabras clave: Vida cotidiana, Fotografia, Geografia histórica, Modernidad, *Belle Époque*.

¹ Professora na Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, andreaortigara@gmail.com



INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa as práticas cotidianas do imigrante francês Sr. Jorge Ruffier na *Belle Époque* do município do Rio Grande. Para tanto, adotamos como principal fonte de estudo os álbuns de fotografia e o livro de memórias em que este registrou suas vivências, entre os anos 1910 e 1930.

Para abordar o cotidiano como forma de análise social, adotamos como referência a obra de Henri Lefebvre, que defende o cotidiano como centro do modo de vida da sociedade moderna, o qual constitui a cotidianidade. Entre fatos aparentemente insignificantes, o cotidiano possui algo de essencial, ordena os fatos da vida e permite conhecer a sociedade. Já o conceito de cotidianidade expressa as transformações do cotidiano (1958, 1961, 1991).

A principal fonte usada nesta análise é a dos originais fotográficos, tal como foram produzidos no passado, organizados em álbuns de família, os quais foram recebidos pela pesquisadora no ano de 2008. Adotamos uma metodologia de estudo das imagens que implicou a observação e seleção das fotografias, e a realização de análise iconológica e interpretação iconográfica com base no livro “Fotografia e História”, de Boris Kossoy, no qual propõe a iconografia e a iconologia como linhas de análise capazes de decifrar as informações explícitas e implícitas no documento fotográfico (1999, p. 58). Por meio da iconografia é possível reconstituir os elementos visíveis da fotografia, já a iconologia permite recuperar as informações codificadas dentro da imagem. Para Kossoy (2014, p. 110), na representação da imagem fotográfica, “ver, descrever e constatar não é o suficiente”. Portanto, a iconografia é insatisfatória à apreensão da mensagem, sendo necessário o complemento da análise por meio da iconologia.

Os álbuns do Sr. Ruffier possuem fotografias realizadas por ele, fotos em que ele disponibilizou a câmera para alguém com a intenção de estar presente no registro, fotografias realizadas por fotógrafos profissionais em sua própria casa e fotografias de estúdio. Dentre estas, as que melhor respondem ao interesse desse estudo são as que o fotógrafo era o Sr. Ruffier, pois nos permitem analisar o olhar deste sujeito sobre aspectos que caracterizam as dimensões do cotidiano na *Belle Époque* riograndina.

A *Belle Époque* foi um período de cultura cosmopolita, com origem na Europa, que durou do final do século XIX, por volta de 1890, até o início da Primeira Guerra Mundial em 1914. A expressão descreve o ambiente intelectual e artístico da época, marcado por transformações que resultaram numa efervescência cultural que gerou uma nova forma de



pensar e viver o cotidiano em determinadas cidades, associado às inovações tecnológicas e científicas que buscaram tornar a vida mais fácil.

No início do século XX, a burguesia vivia a modernidade motivada pelo progresso industrial. O comércio que passava pelo Porto do Rio Grande fez aumentar a dinâmica industrial e marítima local, implicando processos de ajustamento do espaço urbano e gerando novas vivências cotidianas. Sendo assim, o cotidiano do Rio Grande nos primeiros anos do 1900 passou por transformações oriundas do processo de industrialização, despontando a necessidade de ajustar o espaço físico da cidade à nova realidade. Em decorrência disto, a população do município cresceu e diversificou-se, multiplicaram-se as suas atividades em diferentes setores produtivos, modificou-se o espaço urbano e foram alterados os tradicionais costumes e as formas de pensar dos sujeitos citadinos.

A *Belle Époque* foi um período de cultura cosmopolita, com origem na Europa, que durou do final do século XIX, por volta de 1890, até o início da Primeira Guerra Mundial em 1914. Ao contrário do que ocorreu na França, a *Belle Époque* no Brasil ocorreu durante o período da Primeira Guerra Mundial. No entanto, não há consenso entre os pesquisadores a respeito do tempo de duração desse período no país. Para Sevcenko (1998), a *Belle Époque* brasileira iniciou-se em 1900 e estendeu-se por duas décadas, ou seja, até a década de 1920, entrando em decadência ao mesmo tempo em que o regime republicano declinava.

A expressão *Belle Époque* descreve o ambiente intelectual e artístico da época, marcado por transformações que resultaram numa efervescência cultural que gerou uma nova forma de pensar e viver o cotidiano em determinadas cidades, associado às inovações tecnológicas e científicas que buscaram tornar a vida mais fácil. A *Belle Époque* no Rio Grande foi produto do progresso econômico que o município vivenciava, influenciado pelas transformações que ampliavam, de modo significativo, os lugares que possuíam domínio das economias industriais.

APORTE TEÓRICO

As questões referentes ao cotidiano são fundamentadas no pensamento de Henri Lefebvre, que defende a noção de cotidiano como instrumento de conhecimento e de análise da realidade social, dando visibilidade à dinâmica dos processos de mudança na sociedade. O autor atribui ao cotidiano uma significação política relevante, defendendo-o como centro do modo de vida da sociedade moderna. A cotidianidade é uma experiência dos sujeitos modernos, assim, o cotidiano abrange e sintetiza as características de uma existência que é social e individual.



Entre fatos aparentemente insignificantes, o cotidiano possui algo de essencial, ordena os fatos da vida e permite conhecer a sociedade.

Para sustentar uma articulação entre o espaço urbano e as experiências cotidianas, analisamos os álbuns fotográficos e o diário escrito do Sr. Jorge Ruffier, que documentou suas práticas familiares, seus hábitos sociais, e ainda os aspectos urbanos do município do Rio Grande. Destacamos que a fotografia foi uma das invenções oriundas da revolução técnico-científica que ocorreu no final do século XIX, fundamental na inovação das formas de produzir informação e conhecimento. No diário escrito pelo Sr. Ruffier constam indicações das fotografias que correspondem aos acontecimentos narrados, e junto aos álbuns fotográficos há anotações adicionais referentes às imagens. Os álbuns possuem fotografias realizadas por ele, fotos em que ele disponibilizou a câmera para alguém com a intenção de estar presente no registro, fotografias realizadas por fotógrafos profissionais em sua própria casa e fotografias de estúdio. Dentre estas, as que melhor respondem ao interesse desse estudo são as que o fotógrafo era o Sr. Ruffier, pois nos permitem analisar o olhar deste sujeito sobre aspectos que caracterizam o cotidiano na *Belle Époque* riograndina.

O conceito de espaço social é relevante para o conhecimento do cotidiano. Lefebvre argumenta que o espaço “desempenha uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema” (1976, p. 25). Assim, o espaço será analisado como espaço social, um espaço vivido, em estreita relação com a prática social, e não como “um espaço vazio e puro, lugar por excelência dos números e das proporções” (LEFEBVRE, 1976, p. 29).

Assim, a análise dos processos de reprodução do espaço urbano nos situa diante da vida cotidiana, deste modo o lugar possibilita refletir sobre os atos da vida – as relações familiares, o trabalho, o lazer – como experiências vividas. Para tanto, o estudo do cotidiano se torna possível por meio da revelação do mundo do vivido, “onde se formulam os problemas da produção no sentido mais amplo, isto é, onde é produzida a existência social de seres humanos” (LEFEBVRE, 2001, p.62).

O COTIDIANO DO SR. RUFFIER EM IMAGENS E ESCRITOS

O Sr. Jorge Ruffier nasceu no Rio de Janeiro em 1885, filho de mãe belga e pai francês. Registrado no consulado francês daquela cidade, obteve o *status* de cidadão francês, e antes de completar um ano de idade mudou-se com os pais para Bruxelas na Bélgica. Em maio de 1903, embarcou em uma viagem de mudança para o Rio de Janeiro, onde desempenhou diversos ofícios. Em 1910 foi contratado para prestar serviços à *Cie. Française du Port de Rio Grande*



do Sul. O Sr. Ruffier chegou ao município do Rio Grande em novembro de 1910 após aceitar uma proposta para trabalhar como superintendente do setor de eletricidade nas obras de montagem da usina elétrica e trouxe consigo uma câmera fotográfica. As fotografias realizadas pelo Sr. Ruffier revelam uma polifonia característica daquele momento de transformação, o qual impulsionou a ampliação das formas de sociabilidade e de novos locais citadinos de lazer. Nas fotografias das ruas é possível identificar a presença de signos da modernidade, dos quais destacamos: a presença do bonde, a aplicação dos serviços de energia elétrica, os trilhos e os postes para funcionamento desse meio de transporte com eletrificação, a notória sociabilidade nas ruas, a pavimentação, o calçamento, as praças e jardins, e os automóveis.

O Sr. Ruffier fora contratado para, entre outras funções, trabalhar na instalação dos bondes elétricos no município do Rio Grande, e assim, registrou em fotografias e escritos diversos acontecimentos relacionados aos bondes. Na figura 1, vemos uma vista lateral do bonde com nove homens e um menino que se organizaram para compor uma pose para a fotografia. Observamos que há uma numeração abaixo de dois homens, as quais se referem aos nomes dos sujeitos no verso da fotografia. No verso está escrito: “O pessoal que montou o primeiro bonde elétrico no Rio Grande no dia em que saiu da oficina no galpão do parque”.



Figura 1 – Inauguração dos bondes em Rio Grande – 1911.

Fonte: Acervo pessoal.

Após meses de trabalho, no dia 15 de novembro de 1911, os bondes foram inaugurados com fervorosa recepção popular. Neste dia, o Sr. Ruffier fez cinco fotografias que documentam o trajeto realizado no dia da inauguração dos bondes, que compreendeu a saída da Rua Marechal

Deodoro, passando pela Rua Rheingantz e chegando no Parque, como mostra a figura 2. Nestas imagens localizadas em uma mesma página do álbum, lemos as seguintes anotações: “Passagem do bonde pela Rua M^a Deodoro. A inauguração dos bondes elétricos, 15-11-1911. Vista da Rua M^a Deodoro tomada do carro que eu conduzia. Vista da Rua Rheingantz e do Parque”.



Figura 2 – Inauguração dos bondes elétricos no Rio Grande – 1911.

Fonte: Acervo pessoal.

Destacamos a organização das cinco fotografias na página do álbum que cria, por meio da sequencia documental, uma narrativa visual onde vemos tomadas do fotógrafo de frente para o bonde mostrando as pessoas na rua, de dentro do bonde enfocando os trilhos, de dentro do bonde mostrando a paisagem e, uma última fotografia, que mostra a chegada do bonde no Parque.

Nas duas primeiras fotografias localizadas na parte superior do álbum, vemos homens e meninos na rua ao longo da linha férrea. Percebemos que todos estão trajando ternos e usando chapéus no percurso dos trilhos. Há homens montados a cavalo, que possivelmente tenham vindo de longe para prestigiar a inauguração do bonde. O dia 15 de novembro escolhido para a inauguração, coincidia com o feriado nacional que comemora a Proclamação da República. Portanto, há uma convergência de dois acontecimentos marcantes para a modernidade na cidade do Rio Grande. Ainda, o fato de ser feriado propiciou que a população estivesse nas ruas e participasse do evento. A respeito da fotografia feita pelo Sr. Ruffier de dentro do bonde enquanto o conduzia, este fez o seguinte registro em seu diário:



No dia 15 de novembro houve inauguração solene dos bondes elétricos no Rio Grande. Na última hora faltaram as lanças de trolley [haste com pequena roda na ponta] para captar a corrente da rede aérea. Assim mesmo, mandei um empregado sentar em cima do toldo do carro e segurar uma taquara com um fio que encostava na linha aérea. Subi no controle e... toquei o bonde! Toda a população estava alvoroçada. O carro saindo do galpão era o no 5. Até a polícia estava mobilizada! Passando pela rua Mal. Deodoro tirei uma foto desta rua onde se vê o povo aglomerado para ver a grande novidade. Parece que o trecho que estava funcionando era da Praça da Caridade até o Cemitério. Estava inaugurada a tração elétrica no Rio Grande! (Ruffier, sem data)

A figura 3 mostra apontamentos do Sr. Ruffier feitos em um livreto anexado ao seu álbum de fotografias. Nesse livreto, constituído de uma série de relatos, percebemos o quanto ele estava motivado a promover a utilização dos bondes e da energia elétrica. As anotações são um projeto que, posteriormente, deram origem a pequenos cadernos que foram impressos e distribuídos para a população riograndina, indicando os horários, em horas e minutos, da passagem dos bondes em diversos pontos da cidade. Os escritos do livreto são uma propaganda dos bondes e da eletricidade.

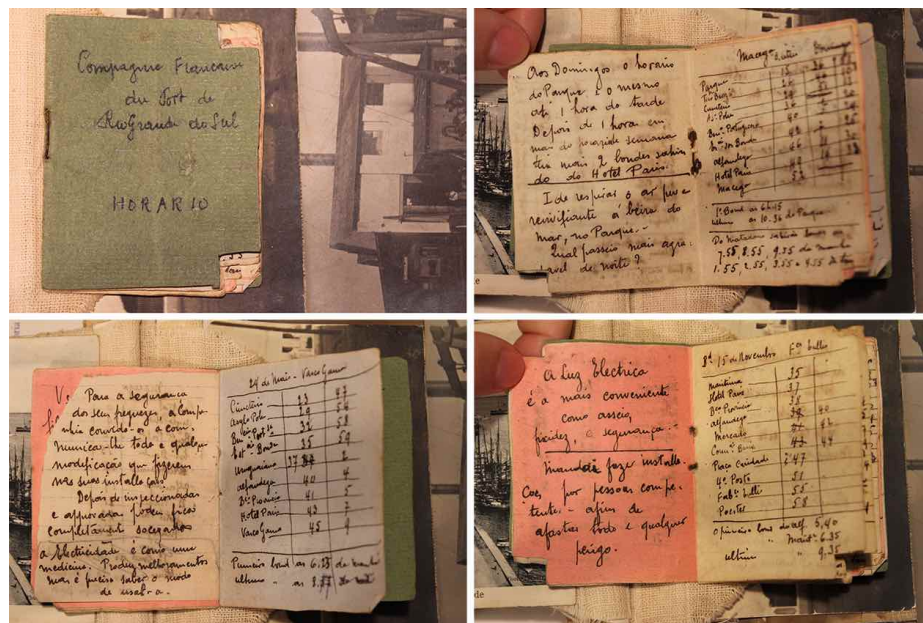


Figura 3 – Livreto com anotações do Sr. Ruffier – 1911.
Fonte: acervo pessoal.

Nas palavras de Mara do Nascimento (1996):

os bondes anunciavam, pelos seus itinerários, que a cidade expandia-se e que as necessidades da população em se locomover aumentavam. Eram sinal de mudanças. Viajar, ou passear, por um quarto de hora ou por meia hora ao lado de um desconhecido, sem dirigir-lhe a palavra, ou então, trocar conversa formalmente sobre a política ou os costumes com alguém que não se sabia exatamente quem era, revelava o sinal de novos tempos que o bonde poderia



proporcionar. A eletricidade, força motriz oculta para os olhos, que não podia ser vítima de chacotas ou apelidos como os burros, reforçou ainda mais a veneração do progresso industrial e dos avanços da racionalidade científica [...].

As figuras 4 e 5 mostram imagens do funcionamento dos bondes elétricos na década de 1930. As fotografias foram feitas do segundo andar da residência da família Ruffier, sita à Rua 24 de Maio. Nestas observamos a transformação da paisagem urbana em relação às fotografias dos locais onde passava o primeiro trecho da linha do bonde quinze anos antes.

Os bondes elétricos foram decorrência da energia elétrica, sendo evidente a importância desse transporte no cenário da cidade moderna. Semelhante aos demais elementos que representam a modernização urbana, o bonde esteve implantado na condição própria da cidade moderna e nas aspirações do mundo civilizado. Para Sevcenko (1998, p. 527), o bonde movido por tração animal "(...) já era um poderoso índice de urbanização, transformação tecnológica e ampliação do espaço público". No entanto, o transporte público por meio do bonde implicava um modo de vida europeizado que trouxe o convívio com a máquina elétrica para o espaço da rua.

A energia elétrica é uma aplicação imediata do fornecimento de luz e da implantação do sistema de bondes elétricos para o transporte público. E é notório nessas fotografias, que os transportes, dentro da cidade, de bondes e automóveis foram elementos distintivos do espaço da rua moderna, indícios do progresso nas ruas.



Figura 4 – Bonde elétrico na Rua 24 de Maio.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 5 – Bonde elétrico na Rua 24 de Maio, 1934.
Fonte: Acervo pessoal.

A *Belle Époque* foi produto do progresso econômico que o Rio Grande vinha vivenciando, influenciado pelas transformações que ampliavam, de modo significativo, os lugares que possuíam domínio das economias industriais. A presença de bens industriais de consumo europeus e americanos no cotidiano de sociedades geograficamente distanciadas dos centros de produção foi privilegiada pelos valores tributários do credo liberal que encontravam adeptos

e vieram a formar as bases da aceitação para que as expansões européias e americana encontrassem ambiente particularmente favorável. Essa entrada triunfal teve expressão particular no Brasil, num momento em que se atrelavam às transformações advindas da dinâmica da sociedade liberal em expansão o projeto republicano – que no Brasil, expressará a redenção da situação colonial e a consoante implantação de uma nova ordem de progresso (DAOU, 2004, p. 17).

Nesse mesmo período, as relações do Brasil com a Inglaterra e a França – nações industrializadas – se intensificaram. Essa aproximação foi fundamental nas novas práticas da vida cotidiana no Brasil. O padrão lusitano do período colonial perdia sua soberania, e as elites brasileiras, e particularmente a rio-grandina, acolhiam a cultura burguesa europeia para legitimar as suas aspirações de superioridade social.

Esses modos de vida tornavam-se a essência da chegada da modernidade ao Brasil, e de maneira semelhante, ao Rio Grande, decorrente da troca de mercadorias, que, por sua vez, repercutia sobre as vivências cotidianas. Para Freyre (1977), a europeização e o



aburguesamento da sociedade, impulsionados por ideias originadas em uma realidade social distinta, chegavam distorcidos, tornando-se por isso singulares, uma vez que ainda não havia aqui nem uma urbanização clássica, nem um grupo social efetivamente burguês, posto que o Brasil iniciava seu processo de urbanização e ainda possuía resquícios do escravismo.

A afirmação de Freyre a respeito de não haver no Brasil uma urbanização consolidada pode ser testemunhada na figura 6. Esta fotografia foi feita do segundo andar da residência do Sr. Ruffier, no ano de 1912, e mostra a Rua 24 de Maio, com o prédio do Asilo de Pobres à esquerda, tendo em frente um terreno baldio com animais pastando e poças de água. Observamos, por meio da fotografia (figura 6) do Sr. Ruffier, que no cenário da cidade coexistiam instâncias do urbano e do rural.



Figura 6 – Vista da Rua 24 de Maio – 1912.

Fonte: Acervo pessoal.

Alguns anos mais tarde, com o decorrer das transformações urbanas advindas do processo de desenvolvimento econômico do Rio Grande, o terreno baldio foi transformado em uma praça pública para o desfrute do lazer, ou seja, uma dimensão específica do modo de vida cotidiano na *Belle Époque*. Na figura 7, vemos que a Praça Montevideú, era utilizada para momentos de lazer das crianças da família Ruffier que residiam em frente.



Figura 7 – Crianças da família Ruffier na Praça Montevideu – sem data.
Fonte: Acervo pessoal.

Com a implementação da República no Brasil, as ruas, as praças e os largos, conquistaram relevância e foram redesenhados e higienizados seguindo os ditames do período, atendendo às necessidades dos grupos sociais economicamente em ascensão. As imagens do Sr. Ruffier revelam uma polifonia característica dos momentos de transformação da cidade que impulsionaram a ampliação de novas formas de sociabilidade e novos locais citadinos de lazer.

Por conseguinte, nas fotografias das ruas do Rio Grande é possível identificar a presença de signos da modernidade. Nesse sentido, destacamos: a presença do bonde, a aplicação dos serviços de energia elétrica, os trilhos e os postes para funcionamento desse meio de transporte com eletrificação, a notória presença humana, a pavimentação, o calçamento, as praças e jardins, e os automóveis.

O cotidiano também revelou transformações identificadas nas novas vivências do lazer ao ar livre. Em relação aos novos hábitos cotidianos sob a influência da modernização, o Balneário Villa Sequeira foi idealizado pela empresa Carris Urbanos e envolvia o investimento de ingleses, portugueses e alemães que residiam em Rio Grande. O balneário foi inaugurado no fim do século XIX sob a influência dos balneários europeus, entre os quais destacamos Biarritz, Dieppe e Deauville.

A Villa Sequeira foi a primeira estância de banhos do Rio Grande do Sul, construído junto ao Oceano Atlântico, a 23 quilômetros da cidade do Rio Grande. Este foi o primeiro balneário planejado do Brasil, tendo sido o projeto oficializado pela Lei Provincial 1551, de 17 de dezembro de 1885. Entretanto, a Villa Sequeira foi inaugurada em 20 de janeiro de 1890.



Dias após, em 26 de janeiro, foi entregue ao público a linha férrea que ligava a cidade do Rio Grande ao Balneário. A conexão ferroviária foi fundamental na propagação do hábito de frequentar a praia. A possibilidade de passar o verão junto ao mar modificou o traçado das ferrovias para acompanhar o fluxo de pessoas para o balneário.

A prática dos banhos de mar surge com o desenvolvimento do capitalismo industrial e da consequente incorporação de mudanças no cotidiano, assim, novos hábitos emergem nos espaços naturais, e a praia passa a ser um local onde a elite expõe seu comportamento moderno e seus anseios de lazer, como o desejo de estar à beira mar. As ideias higienistas e o discurso médico fizeram com que a burguesia recorresse aos balneários em busca de saúde física, deste modo os banhos de mar apontavam como uma novidade para o corpo humano. Assim, a imagem corporal construída era coerente com as transformações sociais produzidas pela Revolução Industrial.

Colaboraram para o sucesso da Villa Sequeira as qualidades terapêuticas da água salina e o clima ameno da praia, que fizeram do local um importante atrativo. Nessa época em Rio Grande, e por muitos anos, o banho de mar era indicado para o bem-estar físico, particularmente, no período entre os meses de abril e maio, devido à grande quantidade de iodo presente na água. Os adeptos do discurso médico divulgaram os banhos no balneário, tornando a praia um lugar que passou a ser frequentado.

No contexto da vilegiatura marítima, também identificamos o hábito das famílias de permanecer a beira mar. Em seu caderno de memórias, o Sr. Ruffier registrou que durante o verão de 1920 “na praia era possível alugar barracas individuais, nas quais deixávamos os apetrechos das crianças”. Estas barracas eram utilizadas para trocar a roupa de banho e guardar os equipamentos necessários num dia de lazer na praia, tais como cadeiras, guarda-sóis, lonas e estacas que eram armadas para proporcionar sombra. Observamos que as barracas eram de madeira e possuíam rodas, se necessário poderiam ser movidas para longe da água do mar, como mostra a figura 8.



Figura 8 – Família Ruffier em frente às barracas na Praia do Cassino – 1920.
Fonte: Acervo pessoal.

Na figura 9 observamos a família Ruffier desfrutando de banhos de mar e passeios a cavalo na praia. Essas imagens exibem o modo como o cotidiano era praticado no balneário.



Figura 9 – Família Ruffier na Praia do Cassino – 1929.
Fonte: Acervo pessoal.

As vivências cotidianas do Sr. Ruffier estão vinculadas com o desenvolvimento urbano-industrial do Rio Grande e, em articulação com novas formas de uso do tempo livre e dos espaços urbanos. Os finais de semana, feriados e férias de verão incentivaram a incorporação dos banhos de mar na Villa Sequeira como formas de lazer.



O processo que deu origem às fotografias do Sr. Ruffier tem como cenário o contexto econômico, social, político e cultural do lugar onde vivia, assim desvela fragmentos do real por meio do assunto registrado. Deste modo, entrelaçamos a memória pessoal e histórica, e compartilhamos narrativas que apresentam o vivido. As fotografias são rastros que materializam e representam um município que se modernizava. O acervo fotográfico do Sr. Ruffier nos permitiu analisar as interações entre a modernização do Rio Grande, os processos de industrialização e as novas cotidianidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo abordamos as vivências de um imigrante francês no Rio Grande, estas expressam a modernidade e a cotidianidade como duas faces da *Belle Époque*. Com o intuito de refletir sobre as relações estabelecidas entre a modernidade e o cotidiano, analisamos as dimensões do cotidiano – família, lazer e trabalho –, utilizando os álbuns de fotografias e o diário do imigrante francês Sr. Ruffier. Destacamos a relevância documental do material para os estudos no campo social, pois envolvem relações entre memória e identidade, narrativa e representação num determinado espaço social. As características documentais desses objetos de memória propiciaram a análise do cotidiano, num estreito reconhecimento da família, do trabalho e do lazer, singularizados nas imagens fotográficas e nos escritos do Sr. Ruffier, por meio de uma abordagem lefebvriana. Portanto, operaram a função de patrimônio simbólico que assegura um sentimento de pertencimento e de identidade, ao mesmo tempo em que nos impulsionou a pensar de modo indissociado a vida cotidiana, a cultura e a modernidade.

Para Lefebvre, a crítica da vida cotidiana possui como tarefa intelectual e política alargar as possibilidades de apropriação do cotidiano, de seus sentidos e de suas significações vividas na experiência social. A perspectiva de Lefebvre sobre o cotidiano pode ser aproximada das experiências de vida da sociedade rio-grandina nos primeiros anos do século XX, em sua estrutura, modo de funcionamento e dilemas.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Ezio da Rocha. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade:** sociabilidades e cultura no Brasil Meridional – panorama da História de Rio Grande. 2. ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2007.

DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.



FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

_____. Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Critique de la vie quotidienne. Paris: L'Arche, 1958. v. 1.

_____. Critique de la vie quotidienne. Paris: L'Arche, 1961. v. 2.

_____. Espacio y política. Barcelona: Península, 1976.

NASCIMENTO, Mara R. do. Sobre os trilhos do bonde, os caminhos de uma cidade brasileira. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, 1996.

PANOFSKY, Erwin. Significado nas Artes Visuais. São Paulo: Perspectiva, 2011.

RUFFIER, Jorge. Diário pessoal. Rio Grande. Sem data.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (coord.); SEVCENKO, Nicolau (org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 3. p. 527.